

Na ausência de pinturas, esculturas e vitrais, que influenciaram os gravadores europeus, o artista brasileiro partiu de estampas impressas das mais diversas origens, e lançou mão do que encontrou: livros ilustrados, revistas, cartões-postais, imagens de santos, etc. A estampa, pois, influenciando a gravura. É óbvia a origem da ilustração do livro "Carlos Magno e os 12 pares de França" (28), ou ainda a dêsse leão de estilo tão puramente heráldico (30). Certas gravuras religiosas, sobretudo os dois Calvários (12 e 76), ambos com um pronunciado sabor de gravura primitiva européia, não escondem suas origens. Mas há também a de invenção, que constitui, felizmente, a maior parte dessas três mil gravuras que ainda circulam no Nordeste do Brasil. Os monstros e demônios, os clássicos cantadores de viola, e mesmo esse "Ladrão de Bagdá" (55), onde o gravador Damásio Paulo, à falta de uma documentação mais precisa, não hesitou em dar aos príncipes orientais paramentos de toureiros. Temas como o do Cangaço deram ao artista popular grandes oportunidades, tanto pela popularidade do assunto como pela riqueza plástica da indumentária dos personagens, permitindo aos gravadores astuciosas soluções gráficas. Inúmeras e belas são as imagens representando Lampião e outros bandidos célebres do sertão. Veja-se a série de gravuras de João Pereira da Silva (67, 68, 69 e 70) ilustrando um livro sobre as façanhas do famoso cangaceiro.

Embora a gravura popular brasileira desde muito venha preocupando os estudiosos, somente agora o Museu de Arte da Universidade do Ceará iniciou a sua catalogação, separando-a por zonas, e tentando estabelecer datas, autores e editores. Trabalho lento, certamente, mas escrupulosamente feito, o que nos habilita a contar, dentro em pouco, com a existência de um estudo histórico-crítico dessa gravura popular, talvez a única viva no mundo.

Silva

Paris - 18.X.1961